

O ESTRANHO E O MISTERIOSO: ENTRANHAS DO CONTO
(três textos de Sophia de Mello Breyner Andresen)

Alckmar Luiz dos Santos (Unicamp)

Desvendar o Esoterismo¹ dentro de uma obra de arte é tarefa ao mesmo tempo apaixonante e complexa. A paixão vem do encantamento (aqui no sentido corriqueiro da palavra) despertado por alusões a fórmulas mágicas, ritos, a homens com poder sobre a natureza. A complexidade advém do mistério que envolve esta Ciência, levando os não-iniciados à incompreensão total dos nomes, dos processos e das idéias, conduzindo-os a interpretações totalmente disparatadas. Vêem no Hermético um mago de chapéu pontudo, acompanhado de corujas e gatos vesgos.

O Hermetismo, em geral, é confundido com mitologias e crenças místicas de toda espécie; atribui-se a ela a faculdade de realizar encantamentos, produzir filitros mágicos, conversar com espíritos ou prever o futuro; a ligação com a Alquimia é freqüente mas totalmente errônea (estranhos magos, druidas, com poder sobre os elementos naturais e desejo de transformar chumbo em ouro).

Na realidade, a Arte está por trás de tudo isto, mas não como imagina o leigo. Devido a uma série de razões², inclusive históricas, todas as operações e elementos envolvidos na Tradição Hermética foram cifrados, deixando seu entendimento restrito a um pequeno número de iniciados. Os objetivos daqueles que realizam a Obra não chegam a ser compreendidos pelos que não a praticam e caem na armadilha de ler textos cifrados sem a devida iniciação prévia. Confundem profundas analogias filosóficas com referências superficiais a meros elementos químicos (como na citada transformação do chumbo em ouro, que envolve outras coisas que não a diminuição artificial do núcleo do átomo de chumbo).

A pretensão dos iniciados sempre foi desvendar de um modo absoluto os segredos do universo, promover sua integração definitiva com o todo-universal. Dentro deste objetivo, construíram um sistema simbólico e referencial complexíssimo abrangendo várias tradições religiosas, mitos, lendas e até processos naturais próximos da química. Foi justamente esta atitude do Esoterismo de cifrar-se, disfarçar-se, que permitiu que ele se espalhasse de forma encoberta nestas várias direções, dificultando ainda mais sua interpretação. Seus processos e elementos foram mostrados de forma simbólica e sofreram ainda, depois disto, uma série de transformações. Vários mitos cristãos, foram antes pagãos; antes de serem cifrados na mitologia pagã foram proces

sos e operações esotéricas. Esta simbologia muitas vezes foi - e é - usada inconscientemente por uma série de escritores em todos os tempos. Acreditando estarem usando símbolos e mitos da tradição popular, estão na verdade repetindo vários procedimentos criados pelos iniciados na Arte Rêgia, ou Grande Obra, a Tradição dos Filhos de Hermes.

Para simbolizar o Todo, a Unidade Suprema, o Hermetismo lança mão de símbolos como Matriz, Caos, Dragão, Árvore, Água, Serpente (que morde a própria cauda) e outros mais. O Toto é a Matriz de tudo, origem do mundo, possuindo portanto um caráter dual: o que é dominado (A Lua, a Água - novamente-, a mudança, o passivo) e o que domina (Sol, Ouro, Fogo, a fixidez incorruptível, o ativo).

A união do Fogo com as Águas resulta num terceiro elemento, ponto de neutralização, síntese entre as forças macho e fêmea. Os símbolos deste princípio podem ser o Sal, a Cruz, o Selo de Salomão, a Terra, o Chumbo.

Dos quatro braços da Cruz, podemos tirar os Quatro Elementos: Fogo, Água, Terra e Ar, constitutivos básicos. Dentro do homem encontramos uma analogia fácil de ser estabelecida com estes quatro elementos. Ao corpo corresponde a Terra (também Chumbo, Pedra, Saturno, cor preta); a consciência corresponde a Água (Mercúrio Lunar, cor branca); a alma corresponde o Fogo (Sol, Ouro, cor dourada); finalmente, ao princípio vital corresponde o Ar (cor vermelha).

Na Metafísica, somando o princípio Três ao princípio Quatro, obtemos o Sete. Temos sete planetas visíveis (Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno e Urano) sempre presentes em vários textos alquímicos, sete cores no arco-íris, sete notas musicais, sete dias na semana. Nos ensinamentos Herméticos são sempre citadas sete esferas inferiores de vida terrena e sete esferas de vida superior e espiritual.

Este breve levantamento é importante pois mostra a Tradição Hermética mais como ciência que como bruxaria. Permite ver nela mais uma filosofia que superstições infundadas. Pertencendo às mais antigas correntes filosóficas, estando praticamente por trás de todos os mitos primordiais do homem, é fácil compreender a utilização de toda esta complexa simbologia, mesmo inconscientemente, no mundo de hoje. Vários dos símbolos citados estão presentes em um grande número de textos (literários, antropológicos), independente da vontade consciente do autor.

Este estudo fixa-se em três textos de uma contista portuguesa contemporânea (Sophia de Mello Breyner Andresen). Será realizada uma leitura esotérica dos contos. A intencionalidade de tal utilização (discussão que seria bastante árdua) não é importante. Na leitura, o fato da autoria é deixado de lado, mostrando com isto que a presença da Tradição Hermética é um fato "per se", contando ou não com a vontade do escritor. A chave esotérica, entre muitas outras, também abre os contos e é isso que importa para este ensaio.

O ato de desfocar o indivíduo criador implica em duas consequências. De um lado, permite ao leitor a utilização do mesmo procedimento para outros textos e autores. De outro, não restringe as possibilidades de desvendamento do texto apenas sob a óptica esotérica, deixando abertas outras possibilidades de leitura.

Resumindo, o personagem principal deste texto é o próprio Esoterismo. E o livro de Sophia, Contos Exemplares, apresenta uma série de textos provocantes para quem deseja explorar os caminhos tortuosos da criação dentro da Tradição Esotérica.

Três contos são extremamente instigantes; neles a presença (mesmo in consciente) de uma linguagem cifrada é facilmente identificável. "A Viagem", "Praia" e "Homero remetem a todo um conjunto de lendas tradições, símbolos, operações e crenças; todos englobados pelos ensinamentos da Grande Arte.

No primeiro conto, um casal viaja em busca de um lugar indefinido. Quanto mais andam, mais se perdem. Parece que a natureza, estranha e hostil, nada lhes dá, nada lhes deixa. No final, são tragados por um abismo, desfecho pressentido da viagem.

A estrada logo de início, é definida como sendo o "meio da vida". Finalmente, o ponto de chegada tão desejado adquire significado mais amplo. A estrada passa a ser Estrada (vida); o lugar buscado ganha contornos de superação da existência, passa a significar a busca da transcendência do corpóreo, a busca pela alma (vida eterna).

De repente, surge uma encruzilhada. Ponto de decisão, de escolha, a encruzilhada é um local mítico, presente em várias tradições ocultistas. O casal faz a opção errada: volta-se para o sol poente. Ora, Sol é o símbolo da alma, a parte do Todo-Universal contida no homem. Voltar-se para o poente (e não para o nascente) é afastar-se da transcendentalidade tão desejada.

Neste ponto do texto, o casal faz referência ao local que procuram: é desconhecido, mas sabem com certeza que lá existe um rio de águas límpidas (em vários textos herméticos, a Água simboliza a sabedoria; desta forma, é a sabedoria o que buscam).

Andando um pouco mais, não conseguem encontrar a encruzilhada novamente. É o início de uma série de perdas que se repetirão ao longo de toda a "viagem". Várias chances são oferecidas, mas eles não as vêem, não as decifram, não conseguem encontrar os caminhos que levam à sabedoria. O final pressentido é a morte, a dissolução no Caos.

Caminhando chegam a um local onde à esquerda se avista uma planície vazia, à direita uma colina com árvores. Esta simbologia reforça a leitura hermética: do lado da mão esquerda, mão canhota, mão do Demo na tradição popular, há um local sem árvores (ausência de sabedoria); no lado direito, opostamente, há um bosque. Conversem com um cavador (cava córregos de água, liberta a sabedoria), este lhes indica a encruzilhada, mas não são capazes de encontrá-las. É uma nova chave não desvendada, uma outra chance desperdiçada, enquanto o Sol (elemento ligado a (Alma) se afasta cada vez mais em direção ao poente.

Sucessivamente, o casal se defronta com elementos que os levariam ao local desejado; sucessivamente eles os desprezam: uma casa (local de culto) com uma lamparina e flores (símbolos da iniciação) entre pinhais (árvores, ligadas à sabedoria); um lenhador (que domina a árvore) indicando-lhes o caminho; uma floresta inteira

ra; o ar e a luz da própria floresta. Dizem eles que "o ar e a luz não nos sabem ensinar a estrada". Na realidade eles é que não sabem ler o Ar e a Luz (elementos ligados à alma). O único objeto por eles aproveitado é uma maçã (mas desde a tradição bíblica, maçã significa a sabedoria aproveitada erroneamente). O final é a fatalidade: caem no Abismo, o Sol se põe, perdem a chance de possuir a alma eterna pois não souberam aproveitar as chances de iniciação oferecidas ao longo da vida. É bom que se diga que a Tradição Hermética não crê que todos os homens podem possuir uma alma eterna. Apenas os iniciados na Grande Arte, que sabem ler o universo são capazes de obtê-la. Os demais, retornaram ao Caos de onde surgiram.

Em "Praia", a ação desenrola-se num ambiente fechado, num clube. Várias pessoas insatisfeitas, entediadas, como que aguardam a chegada, certa e já muitas vezes ocorrida, de alguém especial ou de algum fato marcante. A presença do homem ("sempre o mesmo...era difícil dizer de que tempo ele vinha..."), o ambiente litúrgico, o desfecho aparentemente aberto são pontos importantes, conduzindo o fio narrativo dentro de um clima de mistério, deixando margem para toda uma série de referências simbólicas.

O local onde se desenrola este conto e o próprio enredo perfazem uma trajetória facilmente identificável a um ritual de iniciação. De começo há como que uma preparação dos presentes para uma experiência que fatalmente ocorrerá.

A casa, habitualmente símbolo de espaço místico, é cercada por elementos importantíssimos na Tradição Hermética: Árvores (sabedoria), Mar (Água, também sabedoria) e Música (alusão às analogias com o ritmo universal). No interior, pessoas guiadas por um interesse pouco claro a princípio, procedem ritualisticamente nas conversas, no jogo, no simples ato de ouvir música. A casa é um clube... na aparência ao menos. Mas seus frequentadores não procedem de forma típica. Dos músicos, da própria música esperam obter Fogo (elemento ligado à transcendentalidade, à alma), um Fogo que não os consome (exatamente como o Fogo Esotérico). Em oposição ao casal de "Via gem", sentem-se no começo da vida, prontos para os rituais que os tornem iniciados, a despeito da atmosfera de desânimo que envolve o ambiente. As pessoas circulam, conversam a sério ou riem, trocam impressões, os jogadores lidam com acaso. Aos poucos a preparação ritualística vai se realizando. A expectativa destes homens é obter domínio sobre o tempo: compreender o passado -conseguir a volta de D. Sebastião, o que escapou ao tempo- para subjugar o futuro ("...E então era como se as antigas noites de Agosto e as abolidas tardes de Setembro pudessem, como D. Sebastião, voltar."). Pronto o ritual, aguarda-se apenas a consumação.

A partida dos músicos dá o indício de que está findo o ritual, na busca pelos ritmos universais encerrou-se a participação direta da música. É o próprio momento de início da experiência: chega o homem ("...sempre o mesmo... era difícil dizer de que tempo ele vinha..."). Difícil ou impossível, é como se ele houvesse cortado todos os seus laços com o tempo, subjugando-o. Ele realizou exatamente o que aqueles homens anseiam. Para isto fazem toda esta liturgia: querem igualar-se a ele. Quem não o consegue, caso dos jogadores, só tem mesmo a esperar a morte, não possuem a chave

decifradora, não alcançarão a sabedoria ("... só já quatro jogadores esperam a morte...").

Mas ao homem misterioso tudo isto é dado. Ele tem o domínio sobre o tempo, é-lhe superior pois usa a vida como música, em consonância com os mais frágeis ritmos universais. Suas palavras se misturam, aderem à noite, ao tempo, ao som do mar (elemento Água), às folhas (das Árvores). Ele é o único ali a possuir a memória de uma pátria (na realidade, esta recordação simboliza seu conhecimento sobre o transcendente):

"A memória longínqua duma pátria
Eterna, mas perdida e não sabemos
Se é passado ou futuro onde a perdemos"

Na realidade tal pátria situa-se além do tempo. É delimitada (se é que pode ser) temporalmente pelo conhecimento que têm dela os iniciados. É um homem que já superou a vida corpórea, situa-se além desta, numa "pátria desconhecida" para os não-iniciados.

Suas palavras, então, penetram a alma dos que o rodeiam. Vão para fora. "Tudo estava imóvel e suspenso. São a voz do mar se ouvia..." Escutadas as palavras chave, ficam abertos para o conhecimento. São agora capazes de ouvir o Mar (reino das Águas, reino da sabedoria). É realmente o início da vida: dependendo do uso que fizerem da sabedoria, terão a herança da pátria longínqua ou a morte dos que não souberam usar os conhecimentos do universo.

Por último, no conto "Homero", temos a narrativa focando um personagem de dupla origem: ao mesmo tempo vindo da galeria de tipos populares que nos marca a infância e de uma série de lendas sobre homens escolhidos e amaldiçoados. Búzio é o velho que, aos olhos dos adultos, passa por simples mendigo; pelo lado da menina, sua (dele) existência adquire uma significação bem maior, a do homem a quem é dado se comunicar com a natureza.

Homero (ou Búzio) é caracterizado logo de início: "um velho louco e vagabundo...tudo nele lembrava coisas marítimas"; seus olhos eram como o próprio mar ("...ora eram azuis, era verdes, era cinzentos, e às vezes mesmo os vi roxos."). Carrega uma concha que marca o ritmo do andar. Homero é confundido, ao longo, com uma pedra ou uma árvore. Na realidade, estes dois elementos estão presentes ao mesmo tempo no Búzio: a Pedra, símbolo da existência corpórea, traz consigo a imagem da Árvore, símbolo da sabedoria possuída. Afinal, é ele um homem velho (experiente), que lembra às pessoas o mar (ligado à Água). Seus olhos como que encerram todo o conhecimento. Afinal, apresentam cores correspondentes aos quatro elementos primordiais: azul (ar), verde (água), cinza (Terra) e roxo (Fogo). Na Tradição Hermética não são exatamente estas as cores dos elementos, mas a correspondência não deixa de existir. Outro elemento natural é dado por conchas que marcam seu ritmo de andar, reforçam a idéia de que Búzio é um ser que compreende, sente e vive segundo um ritmo universal. Seu andar,

suas palavras (poéticas, se pensamos nele como um poeta à semelhança do verdadeiro Homero) são manifestações deste ritmo universal³.

Búzio, no entanto, incomoda as pessoas. Sentem nele um mendigo especial, sabem-no especial, têm por ele a inveja dos anjos caídos que não conseguem se levantar. Búzio é um homem que se levantou: ele é "...plâteno...rio...vento". Ele sintetiza os elementos mais altos a que pode aspirar um homem: Árvore (sabedoria), Vento (potência do elemento Ar) e Água. Ao mesmo tempo, e por isso mesmo, é Terra (corpo) e ca paz de ouvir o chão ("Os pés descalços pareciam escutar o chão que pisavam").

Depois desta caracterização, o narrador menciona um fato que sô ele presenciou. O local onde se inicia a história é particularmente interessante: uma casa cujos fundos, com "arbustos desgrenhados pelo vento e queimados pelo sol", volta se para o nascente; a frente encara o mar. Esta posição é muito ilustrativa. A casa (ou casas, se quisermos estender a idéia à cidade inteira) volta-se para a água, que aqui tem o sentido de Mercúrio Aquoso ou impuro. Ao mesmo tempo ela dá as costas ao Sol (símbolo do conhecimento da alma). Assim, seus moradores não conseguem usar corretamente os conhecimentos dados pelo Sol. Este se limita a queimar os arbustos nos fundos da casa, liquida a pouca sabedoria que começava a frutificar naquele terreno.

É justamente do lado do sol que vem o Búzio. Vindo do Sol, encaminha se às Águas para domesticá-las, para secar pelo Sol o Mercúrio Aquoso (na Tradição Hermética este processo é denominado Via Seca). A tarde é vista como uma "enorme flor transparente". Flor é símbolo de transcendência. Ou pelo menos para Búzio, a tarde o é. Sua Via Seca se dá através das palavras. Com elas domina o mar, acalma as impuras Águas Mercuriais que todo homem traz consigo. Seu discurso é "como a luz". Traz consigo a potência do Sol. É óbvio que a menina não compreende suas palavras, seus gestos. Ela não é iniciada na Arte. Apenas sente que o Búzio se dirige à natureza, está harmonizado com ela. São palavras que invocam o "vento, frescura das águas, oiro do sol, silêncio e brilho das estrelas." São palavras que compreendem o Ar, a Água (agora lavada, purificada), o Fogo. Atinge as estrelas pelo domínio dos elementos e pela compreensão da natureza.

Búzio é o homem que, conhecedor da linguagem cifrada da natureza, usa-a para si. Como a flor da tarde se abre, também ele domina e transcende o próprio corpo.

Os três contos são, ao mesmo tempo, três portas abertas a quem pretenda uma leitura que fuja da realidade cotidiana da arte e atinja os contornos da Grande Arte. Mais que contos, são expressões de uma antiga filosofia, fortemente entranhada nos mais diversos textos artísticos. Uma expressão disfarçada e por isso mesmo concedendo o prazer da decifração.

Há uma trajetória comum a unir os três textos, uma gradação. No primeiro, temos a busca abortada da experiência mística por pessoas que não possuíam o conhecimento necessário. No segundo, as chaves são colocadas à mostra, expostas a quem se interessar em fazer uso. A utilização desta sabedoria fica declarada como possibilidade aos que se iniciarem. No terceiro conto, temos a exemplificação de como se por

tam, o que obtêm, o que dominam os conhecedores da Grande Obra. O mesmo percurso de leitura é obtido dentro dos textos e entre eles. Coincidência? Outras possibilidades de leitura são facilmente identificáveis; poucos serão tão apaixonantes quanto esta.

NOTAS:

1. Utiliza-se aqui a terminologia de Julius Evola, em A Tradição Hermética, em que a palavra Esotetismo e seus correlatos são grafados com maiúsculas.
2. Julius Evola, A Tradição Hermética.
3. Em Otávio Paz, Los hijos del limo, encontram-se referências a este caráter analógico da poesia com o ritmo do universo.

BIBLIOGRAFIA:

EVOLA, Julius - A Tradição Hermética. Trad. Maria Tereza Simões. Edições 70, Lisboa, 1979.

TRES INICIADOS - O Caibalion. Trad. Rosabis Camaysar. Editora Pensamento, São Paulo, s.d.

TRES INICIADOS - Bíblia Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica no Brasil, Rio de Janeiro, RJ, s.d.

PAZ, Otávio - Los hijos del limo. Edit. Seix Barral, Barcelona.

SCHOLES, Robert & Kellog, Robert - A Natureza da Narrativa. Trad. Gert Meyer. Editora Mc-Graw Hill do Brasil Ltda, São Paulo, 1977.